

CRENDICES POPULARES PARANAENSES: O CASO DO CAIPORA

Vanderci de Andrade Aguilera¹
Ariane Cardoso dos Santos²

Resumo:

Neste artigo, apresentamos o *caipora* paranaense tal qual foi descrito pelos informantes do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR - (AGUILERA: 1990). O *corpus* para análise foi constituído com base nas respostas dadas por 130 informantes da zona rural paranaense à questão de n.º 320 “O(A) senhor(a) conhece o caipora? Já ouviu ou conhece alguma história sobre ele?”. As respostas dadas foram analisadas com os objetivos de: (i) verificar a vitalidade do mito no imaginário popular do interior paranaense; (ii) fazer um mapeamento da presença/ausência do mito, de acordo com o método geolingüístico; (iii) registrar as formas pelas quais o caipora ou capora se preserva na linguagem rural paranaense. Ao final, pôde-se concluir que esse ente ainda povoa o imaginário popular paranaense e sua distribuição espacial acompanha a oposição Paraná Moderno e Paraná Tradicional traçada histórica, geográfica e lingüisticamente.

Palavras-chave: caipora, narrativas orais, Paraná

Abstract:

In this article we present the “caipora paranaense” such as it was described by the informants of the “Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR” (AGUILERA: 1990). The “corpus” for analysis was constituted based on the answers given by 130 informants from the country side from Paraná to the question 320: Do you know the Caipora? Have you ever heard any histories about it? The answers were analysed with the following purposes (i) verify the vitality of the myth on the popular imaginary on the rural side of the state (ii) to map its presence or absence accordingly to the geolinguistic method (iii) register the forms through which the “caipora” or “capora” preserves itself on the rural language of Paraná. At the end it was possible to conclude that this being still lives on the popular imaginary on the country side of the state and its spacial distribution follows the opposition Modern and Tradicional Paraná, traced historically as well as geographically and linguistically.

Keywords: Caipora; oral narratives, Paraná

¹ Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, pesquisadora do CNPq.

² Mestrando da Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UEL), bolsista do CNPq.

Introdução

O Questionário do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR - (AGUILERA: 1990) se constitui de 325 questões das quais 318 investigam variantes fonéticas e léxicas de dois grandes campos semânticos: a Terra e o Homem, cada um dos quais subdivididos em subcampos, tais como, para o primeiro, acidentes geográficos, fenômenos da natureza, fauna, flora; e para o segundo, partes do corpo, doenças, plantas medicinais, agricultura, brinquedos e brincadeiras infantis, entre outros. As questões de 319 a 324 inquiram sobre as seguintes credices populares: boitatá/baitatá, caipora/capora, lobisomem; saci, mula-sem-cabeça e curupira e a última busca uma narrativa de experiência pessoal (AGUILERA: 1996).

Dentre essas credices, a mais popular é, sem dúvida, o lobisomem, seguido do *baitatá* e do (a) *capora*. O nome do(a) caipora, assim como o boitatá, apresenta duas variantes fonéticas na fala dos paranaenses, que habitam e trabalham o campo, cuja distribuição diatópica é objeto de nossa análise. Analisamos também o gênero/sexo desse ente fantástico, cujo nome vem antecedido ora de artigo masculino, ora de feminino.

Como procedimentos metodológicos, adotamos:

- (i) revisão das narrativas digitadas que compõem o acervo impresso do ALPR;
- (ii) organização de um arquivo das narrativas sobre o capora/caipora;
- (iii) análise dos depoimentos dos informantes sobre a lenda ou mito do capora/caipora;
- (iv) tabulação dos dados de acordo com critérios sobre: existência ou não do mito no imaginário do informante, contato direto ou indireto com o ser sobrenatural, descrição física do capora/caipora, a forma de atuação deste ente sobrenatural sobre os homens;
- (v) mapeamento dos registros conforme tabulação anterior;
- (vi) discussão sobre as variantes capora e caipora e sobre o gênero/sexo do mito.

No cumprimento desses passos, esperamos atingir os seguintes objetivos:

- (i) verificar a vitalidade do mito no imaginário popular do interior paranaense;

(ii) fazer um mapeamento da presença/ausência do mito, de acordo com o método geolingüístico;

(iii) registrar as formas pelas quais o caipora ou capora se preserva na linguagem rural paranaense.

1. Atlas lingüísticos – questionários e cartografiação dos dados das credices populares

Ao analisarmos os atlas lingüísticos publicados entre 1963 e 1994, no Brasil, verificamos que as cartas mapeiam variantes fonéticas, lexicais e, mais recentemente, morfossintáticas, de conceitos buscados por meio de questionários estruturados.

Embora a maioria dos Questionários dos atlas contenha perguntas sobre mitos, lendas e narrativas, nenhum deles apresenta, até o momento, a cartografiação dos dados coletados em situação de discursos espontâneos ou semidirigidos. Ao que parece essa prática não foi iniciada pela geolingüística tradicional européia e muito menos praticada pela geolingüística brasileira. Vejamos alguns dos procedimentos metodológicos adotados pelos atlas estaduais publicados no Brasil no período de 1963-1994.

Do *Atlas prévio dos falares baianos* – APFB - (ROSSI, Nelson, 1963), constam ao todo 154 cartas, das quais 110 são do tipo pontual, ou fonéticas, e 44 são cartas-resumo do tipo misto, não se registrando referências a discurso semidirigido nem à coleta de lendas, credices ou superstições entre os falantes da Bahia.

O *Esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais* - EALMG (RIBEIRO, José et alii, 1977) compõe-se de 73 cartas distribuídas por dois campos semânticos: fenômenos da natureza e brinquedos e brincadeiras infantis, não contemplando, pois, o campo das lendas e superstições.

O *Atlas lingüístico da Paraíba* - ALPB (MENEZES, Cleuza Bezerra e ARAGÃO, Maria do Socorro, 1984) compõe-se de 149 cartas distribuídas por sete campos semânticos: terra, homem, família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais. Não há referência a discurso semidirigido nem à coleta de lendas, credices ou superstições entre os falantes da Paraíba.

O *Atlas lingüístico de Sergipe- ALSE* - (FERREIRA, Carlota et alii, 1987) contém 156 cartas fonéticas, 10 cartas-resumo, do tipo mista, e 12 cartas com os dados da Bahia que não constavam do primeiro volume. As cartas fonéticas foram elaboradas sob a forma de transcrição fonética pontual, sem tratar, no entanto, em nenhuma delas da distribuição espacial de variantes do campo das lendas e superstições.

O ALPR, quinto na ordem cronológica de publicação dos Atlas Estaduais brasileiros, editado em 1994, é o resultado da tese de doutorado da professora Vanderci de Andrade Aguilera. Estabeleceu como proposta apresentar um registro dos falares rurais paranaenses e fornecer dados lingüísticos cartografados para estudos comparativos de interesse para a história da língua portuguesa no Brasil. Consta, do final do questionário utilizado para coleta dos dados do ALPR, uma série de perguntas sobre lendas e superstições, como as que indagam sobre o *boitatá ou baitatá, o saci, o lobisomem, o caipora ou capora, o curupira ou currupira e a mula sem cabeça*. As narrativas coletadas, no entanto, não foram objeto de cartografiação.

Para o presente estudo, fez-se necessário recorrer às entrevistas já digitadas, às gravações em cassete, para revisar o material transcrito e apurar outros detalhes que pudessem esclarecer algum aspecto importante para esta pesquisa, como a ênfase, a entonação de voz, as hesitações, os silêncios, bem como transcrições equivocadas de determinados segmentos da fala.

O ALPR compõe-se de 191 cartas, das quais 92 são lexicais do tipo misto, 70 fonéticas pontuais ou mistas e 29 cartas sintéticas de isófonas ou de isoléxicas. Como explicitamos acima, embora o questionário adotado destinasse seis questões para as narrativas sobre credices e superstições, este atlas não cartografou os dados referentes a esse campo.

No entanto, desde algum tempo, vimos analisando e discutindo, em trabalhos para Congressos e Seminários e em relatórios de pesquisas de Iniciação Científica, a vitalidade dos mitos do folclore nacional. Essa discussão sempre vem acompanhada de mapas geolingüísticos nos quais se pode verificar a distribuição diatópica desses elementos pelo

espaço geográfico do Estado do Paraná. (AGUILERA e SILVA, 2001, AGUILERA, 2004; SANTOS e AGUILERA, 2005 e 2006).

Assim, com o propósito de dar continuidade a esses estudos, apresentamos os resultados de nossa pesquisa sobre o capora/caipora. Serviram de *corpora* os dados registrados nos acervos impresso e sonoro do ALPR, que se encontram depositados na sala de pesquisa do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina.

2. Procedimentos metodológicos: correndo atrás do capora ou do caipora paranaense

Embora produtiva na fala rural paranaense, percebe-se que essa lenda não está entre as mais divulgadas pela mídia e pela escola, tal como se observa em relação à do saci e à do lobisomem, por exemplo, que estão presentes tanto na televisão, no cinema, nos livros infantis, didáticos e sobre o folclore nacional. Mesmo folcloristas consagrados, como Câmara Cascudo, não deram grande destaque a este mito - pelo menos da forma pela qual ele é retratado no Paraná - dedicando a ele apenas curtas observações.

O primeiro problema que se apresentou quando iniciamos esta pesquisa foi quanto à denominação deste ente sobrenatural, pois, quando a entrevistadora indagava pelo *caipora*, a resposta, muitas vezes, vinha iniciada pela variante *capora*.

Como as variantes fonéticas *capora/caipora* passaram a se alternar na fala dos diversos informantes das regiões paranaenses, consideramos importante verificar como a literatura específica – dicionários e enciclopédias - trata esses dois signos *capora* e *caipora*. Buscamos, igualmente, compreender melhor a história da ocupação do solo paranaense em seus três séculos de povoamento.

A busca em dicionários revelou que ambas as denominações *caipora/capora* apontam para significados distintos, isto é, remetem a seres diferenciados. Essas variantes, no entanto, no Paraná, remetem ao mesmo ser, de tal modo que alguns informantes chegam a denominá-lo das duas maneiras como se pode observar na transcrição do trecho da

entrevista do informante masculino de Assis Chateaubriand, ponto 33 do ALPR. Usamos as abreviaturas INF. para *informante* e INQ. para *inquiridor* ou entrevistador.

- INF.: Qué dizê capora ô caipora, já vi falá que esses aí, são... pai e mãe do mato, né?
Isso já vi falá.
INQ.: O que o senhor ouviu?
INF.: Ovi falá que eis são pai do mato, mãe do mato.
INQ.: Fazem mal pra gente?
INF.: Eu acho que não, né?
INQ.: Nunca comentaram?
INQ.: Não.

Por esse excerto de entrevista, observa-se que, ao contrário de mitos como o lobisomem, o curupira, o saci e o baitatá/boitatá, que são sempre referidos como entes masculinos, e a mula-sem-cabeça, como um ente feminino, o capora ou caipora pode ser uma figura masculina ou feminina, dependendo do sexo da vítima: o homem encontra-se geralmente com uma capora e a mulher com o capora.

Vejamos outro depoimento, desta vez apresentada pela informante feminina de Guarapuava, ponto 51 do ALPR:

- INQ.: Já ouviu falar do caipora?
INF.: ... Eu vi, eu vejo falá nos cai/ capora, né? Mais é... minha mãe contava um causo dessa cai/ capora ... diz que uma vizinha dela no riozinho foi cortá lenha e tinha diz que um pau podre assim... e diz que ela pensô: “vô carcá machado nesse pau”... tacô o machado diz que ali era a tar de capora, mais que bicho mais feio! diz que... mais diz que é peladinho só em RODA do imbigio, o mais é peludão assim, igual que nasce em pau podre... Isso ela contava pra nós... quase morria de medo. Esse eu nunca, nunca vi falá.
INQ.: Nem o nome?
INF.: É ca... sempre eu vejo falá que iexistia esse bicho... essa tar de caipora, que é caipora.

Na fala dessa informante, embora prevaleça o tratamento feminino, percebe-se a alternância do sexo/gênero do caipora marcada pelos artigos, adjetivos e pronomes referentes ao ente folclórico: **nos** caipora, **dessa** caipora, **a** tar de caipora, é **peladinho**, o mais é **peludão**, **essa** tar de caipora.

Também é nessa informante que a oscilação quanto ao registro da variante fonética com ditongo ou sem ditongo na sílaba inicial (cai ou ca) fica bastante evidente: ela ouviu da entrevistadora a pergunta sobre o **caipora**, mas ela conhece o **capora**. Para esclarecer a

questão do sexo/gênero e da variante fonética dicionarizada, consultamos os lexicógrafos FERREIRA (2004); NASCENTES (1988) e CUNHA (1994).

FERREIRA (2004) lexicaliza dois verbetes: *caapora* e *caipora*. No primeiro, descreve o *caapora* como S. 2 g..[do tupi Kaa'pora], “o que há no mato”.] 1. Bras., Amaz. Entre os índios o homem morador do mato, roceiro. V. caipira (1) Bras. Caipora (1). No segundo, já para *caipora* traz: S. m. e f. [do tupi Kaa'pora, morador do mato.] 1. Ente fantástico oriundo da mitologia tupi, representado segundo as regiões, ou como forma de mulher unípede que anda aos saltos, ou com uma criança de cabeça grandíssima, ou como caboclinho encantado, ou como um homem agigantado, montado num porco-do-mato ou com um pé só.

NASCENTES (1988) registra apenas *caipora*: sm. Ente fantástico que, segundo a credence de cada região, é representado, ora como uma mulher unípede que anda aos saltos, ora como uma criança de enorme cabeça, ora como um caboclinho encantado. || (Fig.) Pessoa cuja presença ou intervenção pode influir de modo nocivo em negócios alheios. Indivíduo malfadado que se vê constantemente contrariado em suas aspirações.|| Adj. Infeliz, desafortunado. (Do tupi *ka' a porá*, o que há no mato).

CUNHA (1994) lexicaliza apenas *caipora*: adj. S.m. e f. ‘entre os tupis, designava um ente sobrenatural que trazia infelicidade a quem o via; infelicidade, azar; infeliz, azarento’ | 1855, *caapora* c 1767 etc. | Do tupi *kaa' porá* < *ka' a* ‘mato’ + ‘*porá* habitante de’ || **caiporice** XX|| **caiporismo** 1865 || **encaiporado** 1899|| **encaiporar** 1899.

Esta busca em dicionários mostrou que apenas Ferreira (2004) dicionariza os dois signos *caapora/caapora*, apresentando para eles acepções distintas. Os demais dicionaristas lexicalizam apenas o signo *caipora*. Ferreira (2004) e Nascentes (1998) trazem acepções bastante semelhantes como: mulher unípede que anda aos saltos; criança com enorme cabeça, caboclinho encantado e morador do mato roceiro. Já a acepção: “homem agigantado montado num porco do mato é encontrada só em Ferreira (2004). Cunha se diferencia dos demais já que para ele caipora é “ente sobrenatural que trazia infelicidade a quem o via”. Os três dicionaristas consultados lexicalizam este ente como substantivo tanto masculino como feminino, embora com aparência distinta: mulher unípede ou caboclinho de cabeça grande.

Pode-se dizer que a representação do *caipora* paranaense é bem parecida com as definições dadas pelos folcloristas, porém a distinção apresentada por Ferreira (2004) entre *caipora/caapora* não é feita pelo falante paranaense que usa dois signos lingüísticos para o mesmo referente.

Uma vez estudadas as duas acepções, passamos à composição do *corpus*. Nesta etapa, recorreremos aos dois acervos: (i) o impresso, constituído pelos treze volumes do Atlas Lingüístico do Paraná, que contêm na íntegra as 130 entrevistas dos informantes; (ii) o sonoro, que compreende cerca de trezentas fitas K7, em diferentes estados de conservação, contendo as entrevistas daqueles informantes.

De posse desses materiais, procedemos à revisão das transcrições realizadas com o objetivo de facilitar a composição do arquivo de narrativas. Recortamos, assim, do acervo digitado as 130 respostas dadas à questão 320: “O (A) senhor (a) conhece o caipora?” “Já ouviu alguma história sobre ele?”.

Na seqüência, cada resposta foi analisada com vistas ao mapeamento do *capora/caipora* no espaço do território paranaense, observando-se se a narrativa era de informante masculino ou feminino e qual o local de origem dos contadores dessas narrativas. O que se constatou é que os discursos dos informantes não chegavam a se constituir em narrativas por prescindirem dos elementos básicos - resumo, orientação, complicação, avaliação e coda - segundo a proposta de Labov (1972). Na maioria dos casos, destacavam-se elementos de orientação (onde, quando, descrição física do ente) e de avaliação, isto é, as seqüências permeadas das emoções, sobretudo o medo, que envolviam o informante no ato de relatar o sucedido.

O passo seguinte constituiu-se da (i) tabulação dos dados de acordo com critérios sobre a existência ou não do mito no imaginário do informante; (ii) informação sobre o contato direto ou indireto com o ser sobrenatural; (iii) descrição física do *capora/caipora* na visão do informante ou de outros que relataram sobre aquela visagem; (iv) a forma de atuação deste ente sobrenatural em relação à natureza ou às suas presas. Antes, porém, foi necessário conhecer, ao menos sinteticamente, as várias etapas da ocupação do solo paranaense durante os séculos XVII a XX.

3. Uma preliminar histórica necessária sobre o estado do Paraná

O processo de ocupação do território paranaense pelos europeus deu-se, gradativamente, a partir do século XVII, em diferentes momentos e por povos distintos. Iniciaram-se nesse século vários núcleos de povoamento ao longo dos principais rios, porém os choques constantes entre bandeirantes paulistas e os missionários espanhóis provocaram o abandono e extinção de tais povoados. Enquanto isso, iniciaram-se na região litorânea, o povoamento e a colonização pelos portugueses e seus descendentes vindos de São Vicente, vizinho litoral paulista. Muitas pessoas foram atraídas para a região de Curitiba com a descoberta do ouro que, posteriormente, iniciaram também a agricultura e a criação de gado na região.

Um fato importante a ser ressaltado é a abertura da estrada de Viamão- RS, que tinha como objetivo a introdução de cavalgadas do Sul em direção a São Paulo. Passado o ciclo da mineração do Paraná, devido à crise do ouro, boa parte dos habitantes do estado foi para Minas Gerais enquanto a outra passou a desenvolver atividades na pecuária, nos Campos Gerais, começando por Curitiba. No ano de 1675, o Governador da Capitania de São Paulo apelou aos fazendeiros dos Campos Gerais que enviassem seu gado para sustento dos mineradores concentrados em Minas Gerais. Com o grande crescimento da mineração, a oferta de gado dos Campos Gerais do Paraná e até mesmo os que vinham da Bahia, não conseguiam atender o crescimento da demanda de carne, com isso, os moradores do atual Paraná, passaram a abastecer de gado aquela região do Brasil Central, entrando assim no caminho de sua integração na estrutura econômica brasileira. Com a abertura da estrada de Viamão, em 1731, ampliou-se o tropeirismo que exerceu papel importante no processo de ocupação do Paraná.

Cem anos depois, mais precisamente em 1829, chegaram ao estado os primeiros colonos alemães. De 1860 a 1900, estabeleceram-se mais de sessenta colônias com imigrantes poloneses, italianos, alemães, russos, ucranianos, sírios e libaneses. A última fase de ocupação das terras paranaenses deu-se em 1940, na região noroeste, pela concessão de terras devolutas pelo governo. Em muitos casos, entretanto, essa ocupação aconteceu simplesmente pela posse de terras abandonadas.

Mais sinteticamente ainda se pode dizer, segundo Cardoso & Westphalen (1986 p.40-47), que a ocupação do estado se fez por meio de três ondas povoadoras “em conjunturas diversas e com motivações distintas: i) O Paraná tradicional, que se esboçou no século XVII, com a procura do ouro, e sedimentou-se nos séculos XVIII e XIX. ii) O Paraná moderno do norte já no século XX, com a agricultura tropical do café; iii) O Paraná moderno do sudoeste e oeste dos criadores de suínos e plantadores de cereais”.

4. O(A) senhor(a) conhece o caipora? – a vitalidade do mito no Paraná

O levantamento da fala de cada um dos 130 informantes, sobre a questão 320, “O senhor já ouviu falar do caipora? Já ouviu ou conhece alguma história sobre ele?” demonstrou tratar-se de uma crença bastante difundida no meio rural paranaense, uma vez que 57% dos informantes fizeram alguma referência ao mito. Na representação do falante paranaense, *caipora/caapora* é o habitante do mato virgem, semelhante ao ser humano, mas com o corpo todo peludo. Os informantes fazem ainda a distinção de sexo: caso seja um *caipora* macho ele rouba uma moça e leva para morar com ele; se for uma fêmea procurará um homem. O *caipora*, segundo os falantes paranaenses, não passa na água nem por onde já tenha passado fogo. Tal fato se dá por se tratar de um habitante das matas virgens. Relatam também que para matá-lo é preciso atirar em seu umbigo. Essas características podem ser observadas no relato coletado na cidade de Tibagi, ponto 31 do ALPR, pelo informante masculino:

INF.: Ah, capora, a capora é um bicho do mato...vem a ser uma pessoa, de igual uma pessoa, só porque é cabeludo... a *capora* mora em casa de pedra ansim, que se acha uma pessoa molher, se for um capora macho ele roba, roba e leva... já aconteceu da *capora* roubá, e sê obrigado costumá comendo o mesmo alimento dela... ah, é duro vortá, prueque, ah, não, se tem rio grande, no rio grande que daí, que daí a pessoa passa nadando, porque ela diz que num passa na água. Num passa na água e num passa em queimado, onde passô fogo, que ela é bicho de terra virgem.

Para o informante masculino da cidade de Londrina, ponto número 11 do ALPR, registrou-se:

“Ah, capora ele pega, se for moça ele pega e leva pra morá com ele... uma criança ele pega e mata e come”.

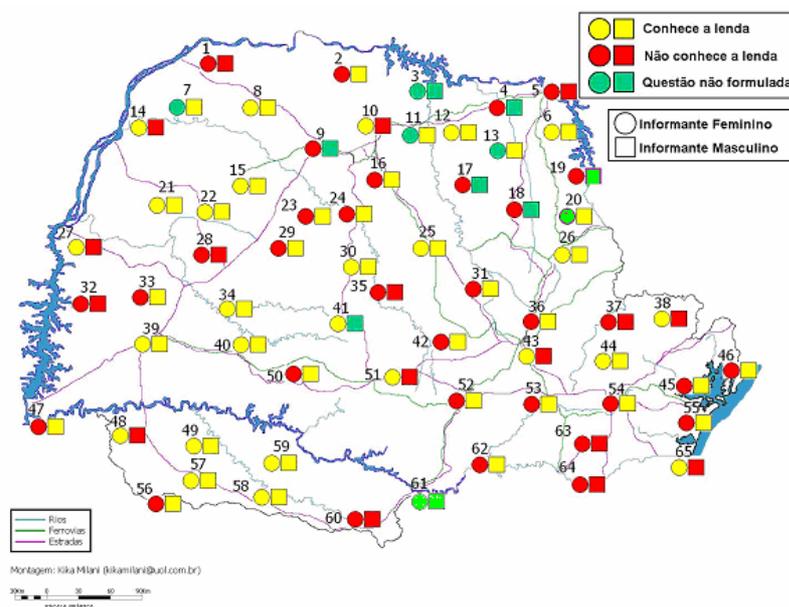
Para a informante feminina de Cruzeiro do Oeste, o capora:

“Conforme a hora ele incanta a pessoa, deixa a pessoa bobo, né Meu avô contava, né. Uns conhecido dele entrava na mata, diz ele que ele sentia quando pegava essa pessoa perdido lá no mato, né, daí precisava os otos campia. Otos contava diz que ele aparecia e tacava um raio de fogo nos otos, né, inquanto os otos tava na mata trabaiano, né. Tem muntas história, né.

Pode-se dizer que a representação do *caipora* paranaense assemelha-se às descrições dadas pelos folcloristas, quando afirmam tratar-se de um ente protetor das matas. No entanto, observam-se mais diferenças do que semelhanças, quando os informantes relatam os poderes de encantamento, seja deixando o ‘invasor’ perdido na mata ou levando-o para sua morada; seja atacando-o com raios de fogo, ou agredindo os que trabalhavam no mato,

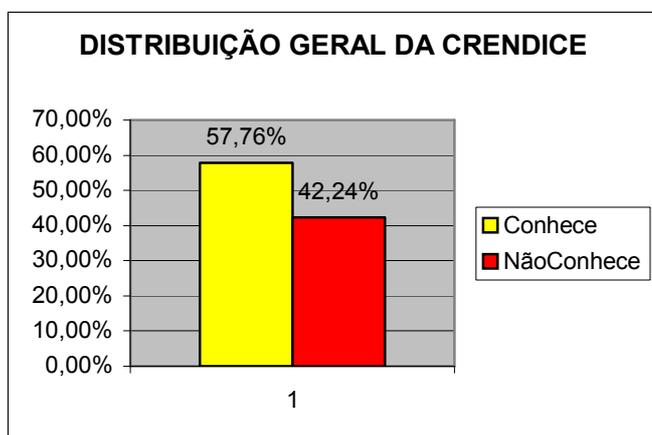
4.1 A distribuição diatópica do *capora/caipora* no ALPR

Quanto à ocorrência e à distribuição desta crendice no Atlas Lingüístico do Paraná, podemos dizer que a lenda do caipora está dispersa por todo território paranaense como se verifica na carta abaixo:

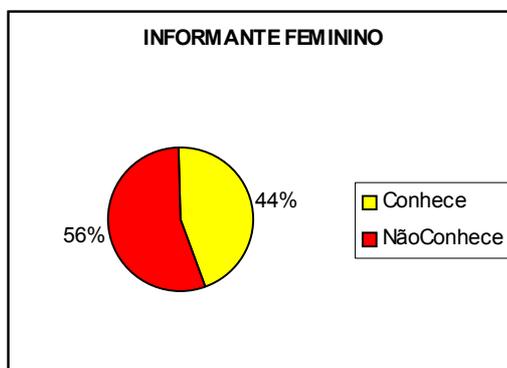
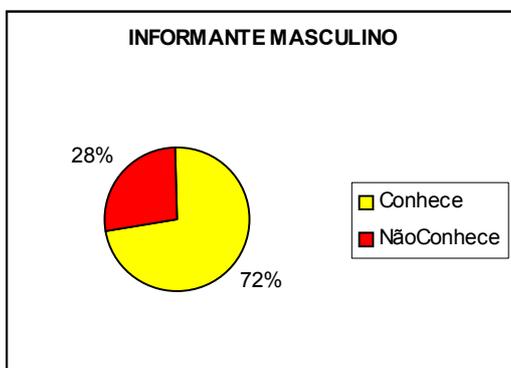


Neste mapa, a cor amarela indica que o informante declarou conhecer a lenda, a vermelha registra os que declararam não conhecer a lenda e indicamos com verde os pontos em que não se obteve o registro, seja por falha do inquiridor, ao omitir a pergunta, seja por falha na gravação. Outro aspecto que pode ser observado neste mapa é se se trata de informante masculino ou feminina.

Observando os dados do mapa acima, podemos verificar que, do total de 130 informantes, 57,8% conhecem a lenda do caipora e 42,2% não a conhecem. O gráfico seguinte permite a visualização numérica dos dados.



Pode-se observar ainda que, quanto à variável sexo, a ocorrência dessa crençice apresenta um percentual maior entre os informantes masculinos do que entre os femininos, como demonstram os gráficos abaixo:



Esta maior produtividade na fala masculina pode estar ligada a fatores sociais vigentes na época, pois, por se tratar de um Atlas Lingüístico rural, acredita-se que esses informantes masculinos e seus antepassados (pais, avôs) exercessem atividades de caça e de pesca noturnas, bem como de desbravamento das matas nativas para o plantio das roças. A mata é, por isso, tanto o cenário das atividades de lazer e de trabalho, como o palco das narrativas folclóricas vividas pelos antepassados, na maioria dos casos.

Resultados e Discussões

A análise feita no decorrer deste estudo permite afirmar que a credice do *caipora/caapora*, mesmo sendo pouco divulgada pelos meios de comunicação e escolas, tal como se observa em relação à do saci e à do lobisomem, por exemplo, está presente em todo o território paranaense.

Observamos, ainda, que a variação fonética entre *caipora/capora*, termos que, embora tenham significados diferentes nos dicionários, no imaginário do falante paranaense remetem ao mesmo ser, com predomínio da forma *capora* em todo o estado independentemente da região.

Quanto à variável sexo, ficou evidenciado que a maior parte dos informantes que conhece a lenda é formada pelos informantes masculinos, valor que se mostrou expressivo em relação aos informantes femininos, demonstrando que o homem vive mais em contato com a natureza, trabalhando nas matas, ou fazendo dela seu ambiente de lazer para caça ou pesca. A mulher, cujas atividades ficam mais restritas ao lar, à família, ao quintal, ao pomar, à horta, fica menos exposta aos contatos com entes sobrenaturais.

Acreditamos, igualmente, que as pesquisas realizadas até o presente, embora de grande contribuição para os estudos das narrativas orais paranaenses, são apenas uma pequena parcela do que ainda deve ser realizado nos estudos das credices populares do Paraná.

Bibliografia consultada

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. XIII volumes, *corpus* inédito. 1990.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná - apresentação*. Londrina: EDUEL, 1996.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. O Baitatá existe realmente? *Latin American Narratives and Cultural Identity – selected readings*. BLAYER, Irene Maria F. & ANDERSON, Mark Cronlund (orgs.) New York: Peter Lang, 2004.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade e SILVA, Etianne Ribeiro da. Atlas Lingüístico do Paraná: o *baitatá* no imaginário popular paranaense. *XV Seminário do CELLIP. Programação e Caderno de Resumos*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2001, p. 184.
- CARDOSO, Jayme Antonio. *Atlas Histórico do Paraná*. 2.ed.rev.ampl. Curitiba, Livraria Chain Editora, 1986, 70p. mapas.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 3 ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2 ed; 6.º impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia University of Pennsylvania Press. Trad. Espanhola. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid, Cátedra, 1983 [1972].
- LAZIER, Hermógenes. *Paraná: Terra de todas as gentes e de muita história*. Francisco Beltrão: Grafit 2003. 320p.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1988.
- SANTOS, A. C.; AGUILERA, V. A.. As credences populares paranaenses e a sua representação no Atlas Lingüístico do Paraná. In: XIV Encontro Anual de Iniciação Científica, 2005, Guarapuava. XIV Encontro Anual de Iniciação Científica. Guarapuava : Universidade Estadual do Centro-Oeste. v. 1.
- SANTOS, A. C.; AGUILERA, V. A.. Credences populares paranaenses e sua representação no Atlas Lingüístico do Paraná. In: 13ª Jornada Nacional de Iniciação Científica, 2006, Florianópolis. Encontro Anual de Iniciação Científica, 2006.
- SANTOS FILHO, Benedito Nicolau. *Mitos e heróis do folclore paranaense*. Curitiba. Herege, 1979.